

Pareceu-me um pobre diabo e foi isso que me irritou. Por mais esforços que fizesse não via nele o maior poeta português, adivinho daqueles versos geniais que me embebedam de mistério. Não há dúvida: fui enganado. Não falei a Teixeira de Pascoaes. Aquele que esteve na minha mesa era um impostor, um pasteleiro de Madrigal, que não tinha nem sequer a lividez dos médiuns. Estou fulo!

Porque não lhe gritei: «tire o corpo! Tire o corpo!»?

Publicou agora um livro: «O Pobre Tolo».

Palavras dele: «Não é em prosa nem em verso.

As frases ora são longas, ora curtas conforme o tamanho dos pensamentos.»

A sorte nem sempre me auxiliava, fornecendo à minha guloseima de diarista homens desta envergadura. Tanto mais que não os buscava. Ainda hoje me arrepele, furioso, por não ter envidado a mínima diligência para frequentar Raul Brandão e Raul Proença, os dois Rauls da minha adoração juvenil, de que só intentaria abeirar-me se descessem ao café — a terra dos iguais — e mesmo assim com o costumado orgulho tímido de quem escondia (para ostentar) a certeza de haver um futuro qualquer à minha espera. E, no entanto, em certa altura bastaria trepar o Chiado até à Praça de Camões onde a *Seara Nova* se anichara na sede da Universidade Livre fundada e presidida pelo meu Pai!

Resultado: avistei uma vez Raul Brandão na Rua do Carmo — alto, ligeiramente curvado, olhos enormes do tamanho da existência de milhões e milhões de lágrimas do mundo por chorar.

Fixei-o esparvoado e, mal cheguei a casa, no dia 18 de Novembro de 1923, corri a escrever esta coisa simples:

*Vi hoje pela primeira vez Raul Brandão. Existe.*

Quanto ao outro Raul, mestre de heróis, mostraram-me certa tarde a um canto do gabinete do ministro da instrução, João Camoesas. Sem confessar a decepção patetóide que me causou o forte bigode merceiro de Raul Proença evitei-o, por medo e respeito, com um desvio de sorrateirice estratégica... E nessa noite, ao evocar a figura do extraordinário homem de *pensamento em acção*, citei, *como se não viesse a propósito*, a célebre sentença de Barbusse na *Clarté*: «L'idée rëpublicaine est la traduction civique de la morale; ce qui est anti-rëpublicain est immoral.»

Já não me furtei a conhecer Pina de Moraes, por exemplo, autor de *Ao Parapeito*, memórias da Primeira Grande Guerra, livrinho muito celebrado pela gente nova, sôfrega de guerra desmitificada.

Apresentou-me Newton de Macedo (então professor na Faculdade de Letras do Porto) que, segundo anotei no dia 14 de Março de 1922, o elogiou copiosamente como escritor e soldado cívico:

*Tem uma espantosa intuição de escritor. Mas escreve aos gatimanhos. O original de «Ao Parapeito»,*